



Entre nós

Números e histórias da Aliança Bíblica Universitária do Brasil

2017

Sumário

Textos originalmente publicados no site da ABUB e posteriormente editados para compor este documento.

Entre nós: nossas histórias	3	Prestação de contas: nossos números	43
Introdução: Que legado pretendemos deixar para as próximas gerações?	3	ABUB em 2017	43
Reportagens	7	Número na ABUB	44
Casa Douglas: a herança de um líder servo	7	Lideranças estudantis regionais e assessoria auxiliar	45
O retrato de um campo em crescimento	19	Assessores regionais e nacionais da ABUB	46
Artigos	25	Nossas finanças	47
A história e o significado do logo da ABUB	25	2017 em cada uma das nossas frentes de trabalho	50
De Volta para o Futuro: a carta desta geração aos 60 anos da ABUB	29	Escritório Nacional em 2017	50
Entrevistas	36	Secretaria Executiva em 2017	51
“A estrutura é uma ferramenta para a obra”	36	Engajamento missionário: projetos e parcerias em 2017	54
“Cristã na universidade, estudante na igreja”	42	Aliança Bíblica de Profissionais em 2017	65
		Aliança Bíblica de Secundaristas em 2017	67
		Sonhos e desafios nas regiões	68
		Testemunhos de serviço e evangelização	74

Alegrem-se sempre: histórias dos 60 anos da ABUB

Textos publicados em agosto de 2017

Entre nós:
nossas histórias

Introdução: Que legado pretendemos deixar para as próximas gerações?

Por Sarah Nigri, secretária geral da Aliança Bíblica Universitária do Brasil

“Alegrem-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegrem-se! Seja a amabilidade de vocês conhecida por todos. Perto está o Senhor.” - Filipenses 4:4-5

Não sei quanto a vocês, mas eu sempre gostei da alegria e da comunhão que experimentamos nas festas e encontros de família! Cresci rodeada de primos, tios, avós e outras pessoas queridas. Agora que moro longe de muitos deles, volta e meia percebo que estou relembrando aqueles momentos especiais, quando diferentes gerações se reuniam para rememorar as histórias, colocar a conversa em dia, se abraçar bem apertado e dar as boas vindas aos “novos membros” que, com o passar do tempo, chegavam e se somavam à família!»



» Celebramos os 60 anos da Aliança Bíblica Universitária do Brasil com sorrisos e lágrimas, pois sabemos que a história da missão estudantil possui capítulos alegres e festivos, mas também momentos de crise, dor, perdas e dificuldades. Por isso, neste encontro, estudamos a carta do apóstolo Paulo aos Filipenses e refletimos sobre a importância de aprendermos o “segredo do contentamento” em toda e qualquer situação. A cada manhã, éramos desafiados a olhar para o passado com gratidão, para o presente com confiança e para o futuro com esperança no cuidado e soberania de Deus sobre as nossas vidas e sobre a missão estudantil.

Fomos lembrados de que os profissionais e estudantes que nos antecederam neste ministério enfrentaram desafios, muitos passaram necessidades e suportaram carências, e todos precisaram aprender a ser dependentes do Senhor para prosseguirem em sua caminhada e em sua vocação no Reino de Deus. Da mesma forma, as atuais gerações precisam exercitar a perseverança e buscar em Cristo sabedoria e discernimento para seguir em frente, respondendo aos desafios destes novos tempos.



No encontro de celebração dos 60 anos da ABUB, aprendemos e nos emocionamos com os relatos e testemunhos de coragem e serviço dos irmãos e irmãs que nos antecederam e, como nós, viveram momentos desafiadores na missão estudantil: momentos de polarização política, ruptura democrática, escassez de recursos financeiros para a missão, conflitos entre regiões »

» e grupos, crise de identidade, etc. Mas o Senhor levantou lideranças e deu-lhes ânimo, humildade, criatividade e coragem para atuarem como agentes de reconciliação e buscarem a unidade em meio à diversidade e às adversidades.

Ao ouvirmos os depoimentos daqueles que nos antecederam na história da ABUB, somos convidados a olhar para a nossa própria história hoje e para o trabalho que temos desenvolvido nas escolas e universidades do Brasil. O que nos “move” e nos encoraja a prosseguir, como movimento estudantil cristão? Como podemos anunciar a esperança de Cristo em meio às crises que vivemos em nossos dias? Que diferença podemos fazer, como cristãos e servos, no contexto de incertezas e instabilidade em que estamos inseridos?

É preciso lembrar que, como ministério estudantil, nosso chamado é para sermos agentes de reconciliação nas escolas e universidades e para anunciarmos a esperança que há em Cristo Jesus. Portanto, não podemos olhar de forma passiva e omissa o atual cenário da educação no Brasil. Vivemos uma séria crise financeira nas

universidades públicas, queda nos investimentos em educação e pesquisa, desvalorização dos profissionais que atuam na área do ensino, redução do número de bolsas de iniciação científica e pós-graduação, descaso do poder público diante das necessidades e carências do ensino médio, dentre muitos outros problemas que afetam diretamente o campo da educação brasileira que, para nós, representa o nosso campo de missão, a partir de onde atuamos como missionários.

Ao olhar para os nossos “pais e mães”, na comunidade da ABUB, e para a herança que nos foi deixada, indagamos: Que legado esta geração deseja construir? O que tem pautado as iniciativas nos grupos locais? Onde e como os estudantes e profissionais da missão estudantil têm investindo suas energias, recursos e esforços? O que tem mobilizado e tocado os corações? Em tempos de polarização política, falta de diálogo e cada vez menos habilidade para conviver com as diferenças, que tipo de testemunho temos dado? Estamos atuando como agentes de reconciliação e promotores da esperança em nosso contexto? »

» Não é possível alcançar a reconciliação em nossos relacionamentos e relações sem que haja arrependimento, humildade, reconhecimento do pecado e disposição para mudar. Esse processo, algumas vezes, passa pelo confronto, pela denúncia do erro e pela exortação. Mas tudo isso precisa ser feito em amor, compaixão, paciência e perseverança, afinal, em Cristo somos uma família que deve aprender a perdoar, acolher e amar de forma sacrificial.

Oro para que o Senhor nos conduza pelos próximos 60 anos, sempre em seus caminhos e debaixo de sua graciosa soberania. Que ele renove diariamente o nosso entusiasmo para servir, fortaleça a nossa confiança para prosseguir e inunde de amor e compaixão os nossos corações. E que a cada celebração tenhamos a oportunidade de nos emocionar, estreitar nossos vínculos como família e nos alegrar sempre. Amém! ■

“Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus.” - Filipenses 1:6



Casa Douglas: a herança de um líder servo

Patrimônio de um ex-presidente da ABUB serviu de apoio para o grupo de Campinas, que hoje cuida da viúva que marcou gerações de estudantes com sua alegria

Por Jessica Grant

— Lois, essa é uma casa da ABU? — pergunta Davi Heckert César Bastos, ex-morador da moradia de Campinas (SP) na sala da residência. Em pé, caminhando a passos curtos com ajuda de uma cuidadora, a senhora de cabelos brancos busca na memória do que o jovem está falando.

— Casa da ABU? — responde a missionária Lois McKinney Douglas com seu forte sotaque do inglês — Mas quem está envolvido em ABU?

— Todo mundo — continua Davi.

— Incluindo a gente?

— Claro, incluindo você. Mas deixa eu perguntar uma coisa. Quando Ross estava falecendo, em 2004, o que foi que ele disse a senhora?

— O que ele disse? Ele falou sobre minha continuação aqui na casa.

— Isso, ele disse: "Lois, eu quero que você fique na casa". — Davi tenta aguçar as lembranças dela.

— Foi isso.

— E o que você disse?

— Ross... — ela pausa.

— Eu, sozinha?

— Neste casarão! — lembra-se a americana para a risada de todos.

— De jeito? — Juari Guelta, morador atual da casa, também procura ajudá-la a repetir as frases que sempre dizia.

— Nenhum! De jeito nenhum! — completa Lois. »

» A cena aconteceu na sala da residência da missionária, onde ela mora desde seu casamento com Prof. Dr. Ross Alan Douglas, ex-presidente da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), no final da década de 90. Os participantes da ABU Campinas que hoje dividem com ela a moradia no bairro de Barão Geraldo haviam chamado-a para tentar recompor a conversa que todos ouviram diversas vezes. "A versão dela é a mais legal, pena que por causa do Alzheimer foram perdendo detalhes e agora fica mais difícil", diz Juari. "A gente sabe de cor, né?", explica Davi. [Há até vídeos no YouTube com ela contando a história, com coro de todos os abeuenses ao seu lado \(confira aqui\).](#)

A resposta de Ross ao medo de Lois em ficar sozinha, de acordo com ela, foi que ele sugeria que o espaço se tornasse uma casa da ABU. Isso já era realidade em outro imóvel que ele tinha, hoje conhecido como "Casa da ABU". A residência dela, no entanto, tornou-se a célebre "Casa Douglas". »



Foto: Rafael Paião, Juari Guelta, Lois McKinney Douglas e Davi Bastos na sala da Casa Douglas

» Mas muito mais do que contar a história de como a sua moradia virou uma república de estudantes, a cena mostra o que a casa proporcionou aos seus moradores nos últimos anos: a experiência de serviço à missão estudantil e a essa missionária de 85 anos (a serem completados 86 em 3 de novembro). Morador da casa desde 2014, Juari ressalta a questão: "Um dos pontos altos de ter morado aqui foi que eu aprendi muito a cuidar e a ser cuidado. É lógico que me falta muita bagagem, mas gosto de brincar que a Lois foi a primeira coisa parecida com um filho que tive. Convivemos com ela numa fase idosa e no início do quadro atual [de saúde]".

"A casa tem muita demanda", continua o estudante e pesquisador de Matemática na Unicamp, "e se você não entende isso como um chamado missionário de serviço, você tende a se estressar muito. A casa tem essas duas responsabilidades no momento atual: cuidar de Lois e cuidar de um movimento cristão. Se você não entender [isso] como cuidar de órfãos e viúvas, que ela é ambos, você não consegue fazer as coisas. E se você não entende a ABUB como plano de Deus, você também se desgasta."

A missionária americana, que já trabalhou em lugares como Portugal e no estado do Piauí, nem sempre precisou de cuidados. Pelo contrário: ela contribuiu muito para a educação teológica e missiológica do Brasil. Bacharel em teologia, fez seu PhD na Michigan State University em missiologia e comunicação transcultural, é professora emérita da Trinity Evangelical Divinity School e autora de livros. [\(Leia mais sobre sua história neste artigo de sua autoria em inglês.\)](#)

Davi Bastos, que morou de 2014 a 2016 na Casa Douglas, lembra que Lois era muito independente, além de ter um ótimo humor. Ela sempre gostou de dançar e de cantar músicas como hinos e cantigas como a de um vaqueiro no Piauí. "Ela sempre gostou de conviver com todo mundo, mas foi independente. Ela foi se tornando dependente", conta o estudante de Filosofia na Unicamp. "Ano passado ela teve uma queda no quarto dela. [Com isso] descobrimos um tríplice problema: o hematoma, micro-AVCs e o mal de Alzheimer", conta Juari.

Do lar de um professor a Casa Douglas dos estudantes

Apesar de famosa entre os abeenses da cidade, a história de Lois não conta todo o percurso de transformação da residência. Para Bruce Douglas, filho e herdeiro do imóvel, a solução da república foi por praticidade e era um plano B. "Foi uma forma de viabilizar a casa, porque é muito grande e muito trabalhosa de se manter. Mas ao mesmo tempo meu pai tinha acumulado uma biblioteca gigantesca lá, ele era um comprador de livros vorazes, mais que um leitor. Nós ficamos com dó de desmanchar a biblioteca, e ambos ficaram à disposição dos estudantes", explica o fotógrafo, que mora em São Paulo (SP). Hoje, a biblioteca está um pouco bagunçada, mas ainda serve de referência.»



» "[Virou uma casa de estudantes] quase imediatamente depois que meu pai faleceu. Foi o tempo da dona Lois fazer uma reforma, transformar o quarto deles numa espécie de apartamento, uma quitinete para ter um pouco de privacidade. E o pessoal já montou essa república." Dentre esse "pessoal" estava Adailson Batista, conhecido como Dal.

Da primeira leva de moradores que chegou na residência ainda em 2004, ele conta como foi a mudança:

"No início era só uma casa com cinco dormitórios e duas salas que eram utilizados como depósitos de livros. Com o falecimento do Dr. Ross, a Lois se mudou para Michigan [nos Estados Unidos]. Consegui arrumar os livros e liberar os quartos para serem habitados. Havia uma indecisão da família sobre o que fazer com a casa, então falei com Bruce, filho e herdeiro, sobre fazer do lugar a 'Casa Douglas'. Um lugar de apoio para a ABU e para quem precisasse de hospedagem. Nessa mesma época, Márcia, filha e herdeira, esteve na casa e nos ouviu como um pedido

formal", explica o então estudante de Economia na PUC Campinas, que ficou na residência até 2007. "E a formação inicial estava ali: eu, Manaus, Patrick, Pedro e Rafa." (Foto no primeiro plano acima.)

O Patrick a quem Dal se refere é Patrick Timmer, que já foi secretário geral adjunto da ABUB e serviu por anos ao movimento nacional.

"Inicialmente, [Lois] não tinha planos de voltar de vez dos Estados Unidos, mas aquela história de 'Casa Douglas' encheu os olhos dela e acabou que ela deixou Michigan e se juntou a nós. A família nos apoiou muito, pois era exatamente isso que o Ross queria para a casa no futuro." E então nasceu a Casa Douglas.

Fé e ciência: quem era Douglas?

Nascido no Canadá, Ross Alan Douglas (1928-2004) conheceu a InterVarsity Christian Fellowship quando estudou na Regina College. Lá o físico nuclear conheceu sua primeira esposa, Eileen, conhecida no Brasil como Aline, mãe de seus 3 filhos. Alguns anos depois, conta Bruce Douglas, ele sentiu o chamado para ser um missionário fazedor de tendas, ou seja, um profissional em missões. Como PhD e professor universitário, começou a procurar oportunidades.

"Ele estava em conversas aparentemente com o pessoal da universidade de Bagdá. Enquanto conversavam, um colega foi convidado para vir para a Universidade de São Paulo (USP). E [como] não»



» tinha interesse, passou o convite para o meu pai. Aí ele veio embora. Ele arrumou um LP [disco de vinil] de aulas de português que tinha na biblioteca da universidade onde lecionava nos Estados Unidos, e ele e minha mãe ficavam ouvindo esse *único* LP antes de vir para o Brasil", conta Bruce.

A chegada em São Paulo (SP) se deu em 1958 e o trabalho de Douglas na USP logo deixou marcas no setor da física experimental. Ele criou o primeiro curso no Brasil de Ciência e Tecnologia do Vácuo e foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Vácuo (SBV) ([fonte](#)). Depois de anos na USP, em 1975 o professor foi para a Unicamp e assim chegou em Campinas, a quase 100 km da capital paulista.

Com seu trabalho, o canadense mostrava na prática para os estudantes que há espaço para cristãos na academia e ciência, sem negar a fé. "Toda verdade é a verdade de Deus, quer venha do estudo da natureza, quer venha da revelação de Deus", disse em resposta a duas perguntas numa breve entrevista publicada em 1999 na revista *Ultimato* e [disponível online aqui](#).

O movimento estudantil cristão havia iniciado há um ano quando o professor universitário chegou em terras tupiniquins, e ele não demorou para se envolver. De acordo com Bruce, "ele era muito ativo no grupo americano, então quando veio para cá já pediu os contatos". Bruce recorda de crescer nos eventos: "Imediatamente ele comprou uma Kombi para ajudar nos acampamentos da ABUB. Era o único carro nacional grande e ele enchia de estudantes para levar. Foi nosso carro de família durante 10 anos, duas Kombis seguidas". O fotógrafo até se lembra de uma charge feita pelos estudantes que retratava o transporte puxando um carrinho de bebê atrás, no qual uma flecha indicava ser Bruce.

De acordo com o livro *Encarnando a Palavra Libertadora*, escrito pela ex-secretária executiva Neuza Itioka, a casa paulistana da família servia ao movimento. O relato diz que estava "sempre cheia de assessores, profissionais e estudantes: ora eram os profissionais convocados, ora a diretoria, ora uma reunião com pessoas chaves do movimento, ora recepção dos assessores internacionais. A casa deles.»

» era sempre aberta, com a hospitalidade da dona Aline Douglas, que fazia a estada das pessoas muito agradável”

O envolvimento do professor não foi apenas no suporte à missão com estudantes. Ele ocupou cargos na diretoria nacional por anos. Inicialmente como vice-presidente, enquanto o arquiteto e reverendo Diniz Prado de Azambuja Neto estava na presidência, Douglas foi eleito presidente em 1978. De acordo com Bráulio Craveiro Filho, outro ex-presidente da ABUB, havia um receio por conta do governo militar de ter um estrangeiro na presidência, o que podia ser mal visto, mas no Congresso Nacional de 1976 os estudantes expressaram admiração pelo serviço do professor e o desejo de tê-lo na liderança. Em 1992, com o diagnóstico de câncer de sua esposa, o canadense voltou a ser vice-presidente, cargo que esteve por mais alguns anos.

Conta-se que em meio a uma crise do movimento ele, ainda que com o braço quebrado, optou por dormir em colchonetes com os estudantes no chão durante o Congresso Nacional de 1976 em Fortaleza (CE),

enquanto outros preferiram um hotel. Além de tudo, o casal também foi essencial nos primeiros anos da Aliança Bíblica de Profissionais de São Paulo, por volta de 1973, organizando acampamentos e reuniões entre os graduados do movimento.

Sua esposa faleceu em 1996 e, já viúvo, Douglas conheceu a missionária e acadêmica americana Lois McKinney e casou-se com ela no final da década (foto). Ele já morava na residência no bairro de Barão Geraldo desde meados da década de 1980, e fez de lá seu lar por mais ou menos 20 anos.



Serviço, missão e aprendizado

Por causa de seu objetivo, a história da Casa Douglas se mistura muito com a história do grupo da ABU Campinas nos últimos 12 anos, e isso reflete na vida dos moradores. Juari, por exemplo, cita que cresceu com os relacionamentos da casa, como com Davi, com quem chegou a dividir quarto. "Pude estabelecer boas relações de discipulado e de trocas de experiências em Cristo, aprendi muito a mudar minha maneira de pensar", compartilha. Davi conta que a convivência com uma missionária mais velha é outro aspecto que lhes ensinou muito: "Lois foi uma pessoa muito importante na minha vida, foi uma oportunidade de serviço e de aprendizado com alguém que estava sempre satisfeita, sempre feliz".

Para Dal a vivência na residência foi excelente. "Havia muita diferença de personalidade, desde a gestão até partilhar um macarrão. Saber lidar com a inteligência emocional e também servir o movimento de forma intensa, eram aspectos constantes de ajuste e discussões. Cresci como pessoa e como cristão." Davi viveu o mesmo crescimento: "Esse contato com ideias plurais me levou a ter uma firmeza melhor no que eu acredito".

A heterogeneidade é ressaltada por Rafael Paião, assessor auxiliar em acompanhamento da cidade, que destaca as diferenças de pensamento e ênfases teológicas. Ele não foi morador da Casa Douglas, mas é da Casa da ABU, onde começou a morar »

» recentemente quando, depois de se formar em Direito na PUC Campinas, começou a cursar Filosofia na Unicamp e Teologia no Seminário Servo de Cristo, em São Paulo.

"Essa questão da diversidade é muito intrínseca", explica Rafael, "[pois é] uma casa deixada para a missão estudantil, para estudantes que atuam na universidade, um ambiente diverso. É um reflexo. Não é uma república comum, [na qual] não teria essa preocupação [em dialogar] e cada um segue sua vida." Para ele, uma das diferenças da Casa Douglas e da Casa da ABU com outras moradias compartilhadas é que há a preocupação de resolver os problemas a partir de uma perspectiva cristã, o que gera conhecimento e aprendizado para os jovens estudantes.

Muitas vezes as casas serviram para hospedar e acolher tanto participantes do movimento quanto não cristãos, e muitas vezes estrangeiros. "Muita gente teve alguma espécie de encontro com o evangelho [enquanto hospedados na casa] e isso mudou suas maneiras de encará-lo, alguns tinham

muito preconceito com o cristianismo", conta Juari. Ele se recorda dos estrangeiros hospedados na casa e do "jantar dos gringos" organizado ao longo de um ano pelo ex-morador David Kurka. Nesta atividade, os estudantes de outros países da Unicamp podiam não apenas se relacionar e serem acolhidos, mas também conhecer o cristianismo.

Foi esse espírito de acolhimento que levou Aline Rodrigues da Cruz a conhecer o evangelho na Casa da ABU, onde morou de 2013 a 2016. Mesmo sem ser cristã, ela vivia lá e participava dos estudos bíblicos. "A galera sempre me abraçou muito. Achava legal que eles me acolhiam", conta a estudante de Estatística na Unicamp, que atualmente se prepara para cursar Moda e, desde dezembro de 2016, é uma das moradoras da Casa Douglas. Em um retiro de igreja, ela acabou deixando o evangelho transformar sua vida. "Se não fosse [terem me abraçado], sei lá onde eu estaria. A amizade que formei lá me ajudou a aproximar deles e, assim, aproximar de Cristo."»

» A história da Aline mostra que, apesar da ligação com o movimento e de hoje ambas casas terem intencionalidade no envolvimento com a missão universitária, a Casa da ABU nem sempre teve a exigência de abrigar apenas cristãos. Ela ainda não exige que sejam apenas abeuenses, mas que se envolvam com a missão estudantil.

"A Casa Douglas sempre teve mais participação. Os moradores dela eram os líderes da ABU Campinas", relembra Rafael. Para Dal, desde o início essa conexão foi forte e importante para a continuação do grupo: "[O espaço] era constantemente utilizado para os eventos, reuniões. Era mesmo uma base para o movimento. Com isso, mais pessoas foram conhecendo a ABU e sendo conhecidas também, resultando na entrada de novos participantes, com novas ideias e força para continuar o trabalho."

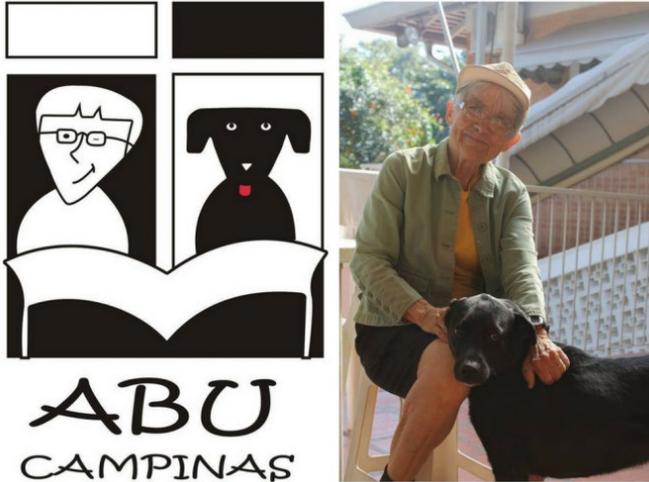
Quando Davi chegou em 2014, por exemplo, vindo direto da casa dos seus pais em Viçosa (MG), já foi logo eleito secretário de literatura na primeira reunião do grupo local. Ele ocupou o cargo por dois anos e pode ver uma mudança no grupo e na casa.

"Hoje, os grupos mais articulados estão nas universidades particulares espalhadas por Campinas, a maioria longe daqui [pois o bairro Barão Geraldo é próximo da Unicamp]. Nesse sentido, tivemos o papel em 2014 e 2015 de deslocar o centro da ABU da Unicamp para a cidade. Tentamos tirar um pouco das atividades daqui", explica Davi.

Além de deixar de ser o centro das atividades da ABU, a casa passou por outras mudanças recentes. Se antes era apenas para homens, desde o ano passado há duas mulheres nos quartos individuais, como Aline.

Mas as mudanças não tiraram a Aliança Bíblica Universitária da rotina da residência -- todos ainda estão envolvidos de alguma forma -- e a Casa Douglas ainda é referência para o grupo da ABU Campinas ([veja este vídeo do grupo cantando lá](#)). A prova disso é o logo da cidade (foto): feito por Juari em meados de 2015, é uma versão da marca da ABUB com a caricatura de Lois e de Lucky, um dos cachorros históricos da casa. Os mascotes são outra história... No jardim estão enterrados três: a doberman do canadense, a boxer da americana e o labrador Lucky,»

» enterrado pelo próprio Juari.



Para Bruce, o destino da Casa Douglas e sua história até aqui é uma celebração das coisas que seu pai mais gostava: "São duas coisas que ele dava muito valor: ABUB e o estudo. Ele foi um estudante vitalício, nunca parou de estudar. E amava a ABUB, né? Uma forma de

celebrar essas duas coisas". Além disso, ele ressalta que a solução evitou que Lois (que tem PhD!) ficasse sozinha sem estímulo intelectual: "Enquanto ela ainda pode desfrutar de companhia estimulante, desfrutou. Até pouco tempo atrás ela ainda tinha um interesse intelectual muito vivo".

Independente do futuro do imóvel e da república, até aqui eles serviram a mais ou menos quatro gerações do movimento estudantil na cidade de Campinas, honrando a memória do Prof. Dr. Ross Douglas como servo de Deus. E hoje os estudantes podem servir a sua viúva, Lois, que não ficou sozinha (de jeito nenhum!) nesse casarão abençoado.

Refleta: Qual é o legado que você deixará? Leia Filipenses 2:12-18 e pense sobre como você colocará sua salvação em ação, como será o seu serviço que provém da fé?

Extra! No Youtube há um vídeo com Lois contando suas histórias uns anos atrás. [Conheça mais dessa missionária a partir dela mesma.](#) ■

O retrato de um campo em crescimento

Pesquisa com participantes da missão revela características da juventude atual

Por Jessica Grant

Quem é esta geração? Quem é o estudante que o secundarista e o universitário da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) desejam alcançar nos dias de hoje? E o profissional? Com 60 anos de história, não é só a partir do passado que devemos caminhar, mas olhar para o presente também é necessário para conhecer o contexto no qual a ABUB se insere.

Para isso, perguntamos a 16 abepenses, abeuenses e abessenses de todas as regiões do nosso movimento, a partir de suas percepções, como é a geração de não cristãos com a qual eles convivem e são amigos. De acordo com o Censo de 2010 (IBGE), os jovens entre 15 e 29 anos constituem quase 27% da nossa população, que já passou dos 206 milhões no 1º trimestre deste ano (PNAD). Somos muita gente! No »



Entre nós:
nossas histórias

» entanto, dentre os jovens de 18 a 24 anos, apenas pouco mais de 30% está matriculado em algum nível de educação. São cerca de 1,1 milhão de jovens que frequentaram cursos de graduação

Se os estudos bíblicos são algumas das atividades mais características dos grupos da Aliança Bíblica Universitária, de Secundaristas e de Profissionais (ABU, ABS e ABP), as respostas dos entrevistados mostraram que eles não têm sido o ponto de conexão com esta geração. Mas os debates e atividades artísticas são as ações dos grupos que mais atraem os não cristãos, seguidas de palestras e, apenas então, dos tradicionais estudos bíblicos. Atividades como o [Fórum Literário de Juiz de Fora \(MG\) e Duque de Caxias \(RJ\)](#), a [peça Experimento Marcos](#) por diversas cidades e a [ação da ABU Salvador \(BA\)](#) na semana de provas mostram diferentes formas em que os grupos podem ser relevantes.

Para alcançar esta geração nas ações dos grupos locais é preciso compreendê-la. Ao perguntarmos aos entrevistados que atividades seus amigos mais se envolvem, grande parte registrou que têm apreço pelo consumo de bebida alcoólica, especialmente em barzinhos, baladas e festas. Quando ficam em casa,

séries ganham mais atenção. Ainda dentre o cinema, as viagens, os esportes e shows, sempre há o desejo de estar com seus amigos.

Para alguns, seus colegas ainda gostam de atividades artísticas, de dançar e até mesmo do envolvimento nos protestos. Da ABU Brasília (DF), Mariana Diniz conta sobre o lado cultural de seus amigos: "[Eles] gostam de viajar e conhecer gente nova, desenhar, pintar e dormir. Relaxar e ter conversas profundas com pessoas interessantes. Atividades relacionadas com arte e cultura".

Já quando se trata do ambiente escolar, universitário ou profissional, as atividades acontecem nos espaços mais tradicionais. Muitos veem seus amigos nos centros acadêmicos/grêmios ou em outras atividades políticas, nas atléticas ou em outras práticas esportivas, além dos espaços de estudos, pesquisa e vida acadêmica, como projetos de extensão, monitoria e empresa júnior. "Todos estão envolvidos ainda que seja voluntariamente em grupos de pesquisa. [Também estão] na militância política, seja em partidos políticos, em coletivos e no movimento estudantil, ou seja sustentando e defendendo seus posicionamentos", compartilha a universitária da ABU Salvador (BA) Rithiane Almeida.

Todos têm seus sonhos e medo

Sucesso profissional e financeiro está no topo dos sonhos desta geração, até mesmo para os estudantes de ensino médio. Alguns ainda pensam no que está mais perto, com a nota do Enem ou com a graduação, mas estabilidade financeira e suas recompensas, como casa, carro e viagens, estão sempre em mente. Alguns sonham em ter menos ansiedade e outros em serem felizes, poucos querem família, embora mais anseiam por relacionamentos.

Naturalmente, os medos refletem o oposto: perder o emprego, não conseguir terminar a escola ou universidade, se frustrar na profissão ou não conseguir sustentar-se depois de tanto estudo. Mas há também o receio da morte, de si mesmo ou de entes próximos, e de relacionamentos. Mariana também ressalta que alguns de seus amigos temem as maldades do mundo. Outra estudante, aqui anônima para proteger seus amigos, foi prática e citou medos atuais de seus colegas mais próximos: assumir sua homossexualidade para a família e o acirramento dos conflitos familiares levando a tragédias.

Marcus de Oliveira, da ABU Goiânia (GO), resumiu o que seus colegas encaram na universidade em termos emocionais: "Depressão, pressão, ansiedade, desânimo, medo". A competitividade deixa a pressão acirrada, e ela envolve a todos. A incerteza quanto ao futuro também foi destacada, além de cansaço e da dificuldade em não ver o potencial prático no que estudam.

Mas nem tudo é ruim, há boas emoções também quando conseguem concluir algumas etapas ou recebem elogios e reconhecimento por seu trabalho, alegrias por fazerem o que gostam e por seus amigos.

Muito além das atividades, a amizade, portanto, e a construção sólida de relacionamentos verdadeiros continuam sendo uma ponte importante não só para compreender, mas também para amar e tocar esta geração. Questões emocionais podem ser abordadas pelo movimento, como as palestras sobre depressão realizadas por grupos como ABU Caruaru (PE) e Teresina (PI), ou ainda a Semana da Esperança, organizada pela ABU Viçosa (MG) e desde 2016 pela ABU Recife (PE).

Trabalhar o sonho do sucesso profissional é importante, inclusive para os cristãos. A ABP São Paulo, por exemplo, organiza momentos como o [Encontro Vocacional de Profissionais](#), e o grupo de todo o Brasil já fez uma oficina online abordando o poder no mercado de trabalho.

Já nem todos têm suas crenças

A indiferença é a maior reação que os participantes da ABUB percebem em seus amigos frente a religião, seguida em menor escala por rejeição, preconceito e intolerância. Alguns se interessam ao verem a prática dos cristãos, enquanto outros respeitam mas veem como ignorância. Muitos percebem que fé é tratada como algo apenas pessoal, ainda que seus amigos sejam religiosos e estudantes de suas religiões.

Laura Rizardi, da ABS Sorocaba (SP), comenta que "a maioria vê como algo relativizado, em que cada fé é algo genuíno. Alguns já tem uma visão bem negativa da religião, principalmente a cristã; muitos já se decepcionaram com alguma igreja". Daniel Vasconcelos, da ABP Uberlândia (MG), destaca que "duas posturas principais são mais recorrentes: alguns tem a postura de que fé e religião não se discute (e muitas vezes não se conversa, algo muito pessoal) e alguns gostam bastante de conversar sobre, dando boa abertura de diálogo".



O campo missionário estudantil está em crescimento

Se já percebemos decepções para serem tratadas e pessoas abertas ao diálogo, ainda há muito o que dialogar. Dados mostram que tanto o campo de atuação da ABS quanto o da ABU estão em constante crescimento.

No Brasil há mais de 28 mil escolas de Ensino Médio de acordo com o Censo Escolar ([INEP, 2016](#)), um aumento de 11,6% nos últimos oito anos, sendo 68,1% delas estaduais e 29,2% privadas. Quanto às matrículas, são 8,1 milhões, com 22,4% no período noturno - um grande desafio para os grupos da ABS. 12,5% dos matriculados estão em escolas privadas, que cresceram 4,5% nos últimos oito anos.

Já conforme o Censo da Educação Superior (INEP, 2014), há mais de duas mil instituições de ensino superior, 78,1% privadas (87,5% em 2015). Para os grupos da ABU, são essas instituições particulares que apresentam um grande desafio de inserção e manutenção dos núcleos. Quanto às áreas de conhecimento, a maior é a de Ciências Sociais,

Negócios e Direito (29,9%), seguido em 23,8% pelos cursos da área de Educação.

E se o ensino superior é nosso principal campo missionário, no qual mais temos grupos, ele tem crescido: só em 2014 havia 78,5% de vagas novas, totalizando mais de 8 milhões. Entre 2005 e 2015, o aumento no total de matrículas foi de 75,7%. Mas enquanto houve quase 8 milhões de matrículas em 2014, apenas pouco mais de um milhão concluíram a graduação.

Embora a comparação entre os censos de 2000 e 2010 (IBGE) mostre que houve ampliação no acesso à educação superior entre jovens (18-29 anos) de renda mais baixa, a maioria dos que estão nas faculdades ainda pertence a famílias com mais de dois salários mínimos per capita (veja estes e outros dados do IBGE [neste documento do IPEA](#)). Mas ainda que tenham acesso, os números indicam que a vida financeira dos estudantes influencia seu abandono do ensino superior. No total, 42% evadiram sem concluir os estudos e, entre estes, cerca de 42% tinham renda domiciliar per capita de até 1,5 salário mínimo (IBGE, 2010).

» Não só o abandono, a crise e dificuldades financeiras podem estar afetando o próprio início no sonho do diploma. Em 2015, o [Censo da Educação Superior \(INEP\)](#) mostrou a queda de novos alunos no ensino superior tanto na rede pública (-2,6%) quanto na rede privada (-6,9%) entre 2014 e 2015. Além disso, os desafios que cercam esta geração de estudantes vão muito além, e também refletem pecados de nossa sociedade, como o racismo ([veja mais dados aqui](#)).

Apesar de sermos maioria urbana, a maior parcela dos jovens estuda em cursos de graduação localizados em cidades do interior, 75,3% entre os jovens de 18 a 29 anos (IBGE, 2010). Também vemos isso na grande quantidade de grupos da Aliança Bíblica Universitária filiados por todo o país fora de capitais: 92 dentre 114.

Um novo grande desafio da missão estudantil é o aumento da modalidade de educação a distância, grande parte entre cursos de licenciatura. O número de alunos cresceu (3,9% entre 2014 e 2015) e atingiu quase 1,4 milhão em 2015, 17,4% do total de matrículas da educação superior.

Em resumo, são temas como o acesso e a evasão do ensino superior, bem como a pressão, ansiedade e depressão em todos os níveis que cercam os

estudantes contemporâneos e que tornam-se desafios a serem abordados pelos abeuenses, abessenses e abepenses. A questão é como mostrar uma vida muito além do foco no sucesso profissional e financeiro, driblando o desinteresse e a indiferença e apresentando a esperança eterna em Jesus. Isso sem contar que este perfil não muda tanto quando falamos dos próprios cristãos, fazendo também necessário o investimento na formação dos missionários da ABUB para que firmem sua fé na Palavra e cresçam em maturidade espiritual e emocional.

A inserção dos grupos nos períodos noturnos e nas universidades privadas, bem como entre os estudantes do ensino a distância, são outras dificuldades a serem encaradas e vão muito além dos jovens e também tocam os adultos que estão nestes meios. [Para refletir mais, confira como os estudantes e profissionais do movimento querem responder a esta realidade na carta que escreveram ao Encontro de 60 anos da ABUB.](#) ■

Refleta: *É uma geração completa! Leia João 17:13-19 e pense sobre qual é este mundo para o qual Jesus Cristo nos enviou.*

Ore: *Com o campo em crescimento, leia Lucas 10:1-2 e peça que o Senhor mande mais trabalhadores para a colheita.*

A história e o significado do logo da ABUB

Por Sonia Couto*



Da esquerda para direita, Sonia é a segunda.

No ano de 1997, a ABUB lançou um concurso nacional para a escolha do logo oficial do movimento. Eu, já abeuense, participava do grupo local de Belo Horizonte (MG) e cursava Design Gráfico na Universidade do Estado de Minas Gerais. Aquele ano se tornaria um dos anos emblemáticos da minha vida. Foi quando participei do Instituto de Preparação de Líderes (IPL), no Lar Luterano Belém, em Campinas (SP). Nesse mesmo lugar, durante o Conselho Diretor (CD), foi realizado o julgamento e a escolha do logo oficial do movimento, tendo como comissão julgadora a diretoria e os membros do próprio CD.»

Entre nós:
nossas histórias

» Na época a internet consolidava-se no Brasil. A *world wide web* já não era privilégio de universidades e centros de pesquisa, mas o acesso ainda era restrito para a população em geral. O ritmo estava acelerado, mas redes sociais não faziam parte do cotidiano como hoje. Na universidade usávamos prancheta, letraset e a composição dos layouts transitava entre colagens, montagens e os primeiros softwares da área do design gráfico.

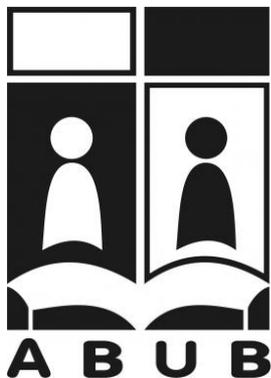
A ideia do logo da ABUB e sua concepção teve relação direta com a minha formação e compreensão de minha vocação. A possibilidade do concurso significava uma participação diferente no movimento: uma junção da minha caminhada acadêmica com o campo de missão. Eu estava empolgada com isso!

Tentando colocar em prática o que era aprendido em sala de aula, me virei entre anotações de *briefing* a partir do que já conhecia do movimento e alguns primeiros rascunhos de ideias. Olhando para trás, tinha grande gratidão ao Senhor pelo movimento abeuense. Não só porque crescia meu envolvimento que havia começado na Aliança Bíblica de Secundaristas, mas também me sentia honrada em

colaborar na mesma missão que foi espaço de crescimento e desenvolvimento da fé cristã para meus pais, tios e tias em tempos passados, e por meu irmão e primos naquele mesmo tempo.

Ainda enquanto buscava ideias, nos poucos acessos à internet, nas páginas que pareciam levar horas para aparecer (quem se lembra do modem dial-up?), pesquisei outros movimentos irmãos já estabelecidos na 'grande rede'. Era importante saber quais eram os usos mais comuns no meio dos movimentos cristãos estudantis. Mal sabia eu que, no ano seguinte, como voluntária no Congresso de Cochabamba '98, encontraria o logo da ABUA, Associação Bíblica Universitária Argentina, que é quase idêntica a que criei.

Lembro-me de procurar o Ziel Machado, já secretário regional da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, transtornada por não ter pesquisado suficientemente para descobrir tal semelhança e, pensativa em como o logo havia sido aprovado mesmo assim por membros da diretoria que caminhavam há mais tempo em terras latino-americanas. Ele riu e, com a atenção e carinho de sempre, respondeu que isso só vinha comprovar as bases sólidas que sustentavam nossa identidade como movimento na América Latina. »



Enfim, com três bases que definem essa identidade, o logo apresenta: na base a **Bíblia aberta**, que é a nossa autoridade em matéria de fé e vida. A partir dela nos movemos e nos relacionamos. Sobre ela, somos também discipulados na caminhada cristã, **de dois em dois**. O diálogo e o contexto que vivemos são importantes facilitadores para a missão estudantil. No meio, a **centralidade da cruz de nosso Senhor Jesus**

Cristo e sua proclamação na universidade e escolas brasileiras.

A composição retangular forma, com a sigla da ABUB, uma estrutura estável que inspira complementaridade, por isso o uso do contraste (figura versus fundo) em preto e branco. As bases da missão estão nos **elementos em equilíbrio**: a Bíblia, a cruz de Cristo e o caráter pessoal da proclamação do evangelho através do discipulado e do crescimento integral do ser humano em Jesus, a Palavra encarnada.

O conjunto de informações formaram um dossiê de identidade visual: o logo e suas aplicações em pranchas rígidas, com versões reduzidas, prezando pela proporcionalidade e apresentando sua funcionalidade em peças gráficas como camisetas, canecas e papelaria. Dentro das limitações e contemplações de uma estudante no meio do curso, lembro-me que tive uma sensação muito clara naquele dia do resultado do concurso:

estava feliz em servir, queria dizer como o salmo 100:

Celebrai com júbilo ao SENHOR, todas as terras.

Servi ao Senhor com alegria; e entrai diante dele com canto.

Sabei que o Senhor é Deus; foi ele que nos fez, e não nós a nós mesmos; somos povo seu e ovelhas do seu pasto.

Entrai pelas portas dele com gratidão, e em seus átrios com louvor; louvai-o, e bendizei o seu nome.

Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração.

Vinte anos depois, o Senhor continua sendo bom e continuo a servi-lo com alegria. Sou dele assim como minhas irmãs e irmãos de caminhada. Sua misericórdia e sua verdade não tem fim!!!

*Sonia Couto é casada com Silvio Bueno, e tem dois filhos, Mateus e Tiago. Eles moram em Viçosa (MG) e são membros da Igreja Presbiteriana de Viçosa.

Entre nós:
nossas histórias

» **Refleta:** Leia o Salmo 100 e pense como você pode servir ao Senhor com alegria com seus talentos e sua profissão.

Use: baixe e veja [aqui](#) as regras de utilização do logo. [Aqui o logo com as letras](#). ■

Entre nós:
nossas histórias

De Volta para o Futuro: a carta desta geração aos 60 anos da ABUB

Por Arianne, Matheus, Débora e Daniel*



Lida durante o encontro de 60 anos, a carta abaixo foi composta pelos diretores adjuntos da Aliança Bíblica Universitária (ABU), Arianne* e Matheus*, pela diretora adjunta da Aliança Bíblica de Secundaristas (ABS), Débora*, e pelo diretor de relações públicas e participante da Aliança Bíblica de Profissionais (ABP), Daniel*. Juntos, os quatro representam todos os espaços da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) e escreveram seus sonhos para os anos vindouros do movimento missionário.

Depois de olhar para o passado e encarar os desafios, como a necessidade de estarmos atentos e obedientes à vontade de Deus, respondendo o seu chamado, os autores da carta nos convidam a sonhar. Eles anseiam que cada universidade e cada escola tenha um grupo de estudo bíblico, sonham com profissionais engajados. Para os abeenses, os atores sonham que esses possam tornar-se uma comunidade de amigos que encarna a igreja de Cristo. Já para os abessenses, eles esperam que a profundidade da missão seja compreendida. Por fim, também sonham com a ABP definida, organizada e estruturada. »

» Alegrem-se, pois são muitos os motivos de celebração ao longo desses 60 anos! É um desafio falar da longa história que compõe a ABUB. As dificuldades, lutas, provas, alegrias, boas amizades, novidades e atenção ao chamado de Deus deram origem ao que conhecemos por Aliança Bíblica Universitária do Brasil. Esse movimento estudantil continua sendo um meio, abençoado por um Deus supremo, de transformação das vidas que por ele passam. E, por isso, agradecemos por esses 60 anos de história, trabalho e grande cuidado!

A história da ABUB foi tecida por muitas mãos e nossa caminhada está repleta de pessoas que dedicaram suas vidas à missão estudantil, sendo obedientes ao chamado que lhes foi feito. Uma coisa que aprendemos ao longo desses 60 anos, é que não podemos prever o alcance do trabalho de pessoas, ainda que poucas, dispostas a servir em fidelidade e amor a Deus. Ele é o Senhor da missão!

Historicamente, a Aliança Bíblica Universitária do Brasil é um celeiro de missionários chamados a servir onde quer que estejam, seja nas universidades, escolas ou ambientes profissionais. Contudo, por vezes a resposta ao chamado do Senhor nos direciona a diversos rumos, desde comunidades

próximas até outros países. Quando estamos em pequenos grupos de estudo bíblico com nossos colegas, não temos ideia de onde o Senhor pode nos levar. **O nosso desafio é estarmos atentos e obedientes à vontade de Deus, tendo os ouvidos sensíveis ao seu chamado.**

Outra marca bastante expressiva da ABUB tem sido suas parcerias com outras organizações. Parceiros como Rede Fale, Ultimato, NKSS, A Rocha, Tearfund, dentre muitos outros, refletem a abertura do movimento para cooperar e aprender com o próximo. Essa atitude dá a cada abeugense a oportunidade de se engajar e contribuir por diversos meios para o Reino de Deus em suas múltiplas faces, conforme as necessidades da sociedade.

Como não falar do Congresso Missionário de 1976 em Curitiba (PR)? Ali estava sendo formada uma juventude cristã comprometida com o evangelho e sua mensagem. O Senhor usou aquele momento para impactar muitas pessoas que, naquela ocasião, passaram a compreender um pouco mais da missão. E os resultados: dali surgiram obreiras e obreiros, missionários, pastores, associações de profissionais cristãos, pessoas que entenderam seu chamado nas artes, nas ciências, na sociedade. Muitas são as iniciativas e pessoas que ainda hoje servem de referenciais para a nossa geração. A todos vocês, que não resistiram ao chamado, mas que foram e seguem sendo»

» este exemplo de perseverança, amor e obediência ao Senhor: muito obrigado!

Um pouco mais recente, tivemos o Congresso Missionário de 2006 - o Missão 2006 - que certamente foi um marco muito significativo para nosso movimento. E a pergunta que se fazia após o evento era “o Missão 2006 acabou ou está só começando?”. E isso ecoou com uma força incrível em nossa caminhada! Um Congresso Missionário com quase mil pessoas, estudantes e profissionais, com o sentimento de responder ao chamado. Uma ideia que surgiu logo após era de “quem sabe daqui alguns anos possamos dizer que valeu a pena todo esforço”. Hoje, com tanta gente nova no movimento, podemos falar com segurança para aqueles que se empenharam tanto para a realização do Missão 2006: valeu muito a pena! No Senhor, valeu a pena! E a missão continua!

Atualmente a ABUB congrega uma quantidade muito grande de grupos filiados ativos, inativos e não filiados ativos. Dentre os filiados, somos cerca de 133 grupos: 19 de secundaristas, 107 de universitários e 7 de profissionais, espalhados em 110 cidades brasileiras (dados de 2016). Contamos com o amor e o serviço de cerca de 20 obreiros - em

tempo parcial ou integral - e mais de 45 assessores auxiliares servindo ao nosso ministério em todas as suas sete regiões, no Escritório Nacional e na Secretaria Executiva.

Assumimos nossas Bases de Fé como missão evangélica e a partir daí congregamos cristãos das mais diversas denominações, abrangendo muita gente que pensa a fé de forma bastante diferente, mas que se propõe a pensar, a dialogar e a escutar as perspectivas diferentes - prática esta que esperamos sempre ocorrer.

Várias coisas do que temos atualmente em nosso movimento fizeram parte de sonhos de muitos estudantes e profissionais que passaram ou que ainda estão na ABUB. Sonhos direcionados pelo Senhor e que nortearam a caminhada, que nos deram forças para prosseguir em meio às dificuldades e lutas.

É bonito ver o crescimento da ABUB! A cada grupo novo e novos estudantes que se comprometem com a missão, o evangelho consegue ir um pouco mais além. Contudo, todo crescimento exige ajustes e é por isso que sonhamos com uma estrutura que forneça todo sustento necessário ao nosso desenvolvimento.»

» **Nosso desejo é que cada universidade e escola desse país tenha grupos de estudo bíblico em funcionamento e que os profissionais estejam cada vez mais engajados com o movimento**, contribuindo ativamente com a missão estudantil. Que cada grupo local tenha pelo menos um assessor auxiliar; que nossos obreiros regionais e da secretaria executiva sejam muitos e suficientes para cumprir plenamente as demandas que surgem e que todos eles consigam arrecadar seu sustento com êxito e tranquilidade, em virtude da generosidade e fidelidade das doações de grupos locais, ex-abeuenses e igrejas.

Sonhamos com um escritório nacional bem equipado e com uma ótima infraestrutura, na qual os irmãos e irmãs que lá exercem seu ministério desfrutem de excelentes condições de trabalho, livres de qualquer sobrecarga. Ansiamos pelo dia em que todos os envolvidos na missão estudantil, do estudante aos obreiros, possam desfrutar de plena saúde mental e física, sendo animados, dia a dia, pela graça revigorante do Senhor e que da grande seara brote tantos trabalhadores que a dificuldade maior será gerenciar tantos trabalhadores.



E para os próximos 60 anos de nossos universitários? Esperamos que a ABU seja um espaço de convívio sim, de amizade. **Que nosso senso de comunidade siga forte e crescente.** Que sejamos suportes uns aos outros para as alegrias e tristezas do cotidiano, para as conversas sem compromisso e também para aquelas sérias e até íntimas. Que sejamos zelosos, também, com nosso compromisso missionário, pastoral, eclesiástico. Sim, somos igreja – não como organização, mas como vocação, missão e ministério. Que todas e todos os abeuenses tenham um senso de pertencimento não a »

Entre nós:
nossas histórias

- » qualquer comunidade apenas, ou a uma gostosa rodinha de amigos com os quais apenas nos divertimos e relacionamos.

Porém, que a percepção de que somos igreja nunca se enfraqueça: igreja que ora, que sofre, que convida a ler e a viver a Bíblia, que compartilha dor, que luta contra e confessa o pecado – não apenas os dos outros, aquela confissão conveniente só das redes sociais, mas a confissão do pecado que é meu, que é nosso -. Igreja que tanto abre espaço para a correção do irmão, quanto é paciente, corajosa e amorosa na correção. Igreja que chora com os que choram, que se alegra com os que se alegram. Que nossas discussões sejam em torno do evangelho e para a glória do Senhor, para crescimento saudável de sua igreja, e para exercício de graça e misericórdia.

E que a universidade seja sempre um espaço de convívio fraterno, no qual as diferenças apareçam como meio de crescimento do conhecimento. Que tornemos o conhecimento não apenas um texto a enfeitar nossos currículos, mas um meio de agregar as pessoas, de servir os menos favorecidos, de proclamar o Reino de Deus. Desejamos profundamente que a justiça seja uma pauta de luta,

e que o Santo Espírito sempre dirija essa e todas as nossas buscas. E que quaisquer interesses, grupos ou ideias em desacordo com o evangelho e sua verdade, por mais belas que sejam, não tomem o espaço do Reino de Deus e da sua justiça. Que andemos em humildade e simplicidade para, com pouco, sermos gratos ao Senhor da provisão, e com muito, sermos servos do Senhor da missão.

Além de todos esses sonhos compartilhados, **podemos afirmar que desejamos à ABS, um futuro cheio de novos desafios, em que cada secundarista realmente compreenda a profundidade da nossa missão**, de forma que estejam dispostos a colocar a vontade de Deus acima de qualquer coisa. Esperamos que este ministério seja cada vez mais estruturado, com mais assessores, mais obreiros, mais coordenadores, de maneira que a ABS tenha mais suporte e mais incentivo no cumprimento do nosso chamado como cristãos. Também almejamos que a busca pela humildade e pela fé estejam seladas em nossos corações, pois com ambas seremos capazes de terminar a corrida e completar o que o Senhor nos ordenou: pregar o evangelho a toda criatura!»

Entre nós:
nossas histórias

» Ao longo da caminhada no movimento, várias tentativas de estruturação do movimento de profissionais aconteceram. Como foi reconhecida em um encontro de assessores auxiliares em 2007, **definir a função que ABP deve desempenhar e delimitar seu espaço de atuação não é uma tarefa fácil**. Nosso caminho como profissionais historicamente foi cheio de “idas e vindas”. Sempre foram várias perguntas que os próprios profissionais se faziam para entender qual nossa identidade dentro desse movimento. E continua não sendo fácil. Vários e vários sonhos foram sendo incluídos para esses profissionais. Muitos sonhamos até hoje! E é com gratidão que hoje vemos como Deus tem cuidado da ABP ao longo de sua história.

Dentre algumas tentativas, algumas sementes foram sendo plantadas, mesmo em meio a momentos frágeis da ABP em um contexto nacional. Em 2015, também em um Encontro de Corpus Christi, alguns profissionais continuaram a sonhar, iniciando um Grupo de Trabalho nacional da ABP. O objetivo foi de reestruturação, em busca de uma identidade, em busca de entender quem somos dentro do movimento. E como é lindo sonhar! E o sonho lá de trás por uma estruturação deste movimento tem se

concretizado, pela graça de Deus, dia após dia! E sonhamos mais! Sonhamos com a ABP organizada e estruturada em todas as regiões da ABUB, sonhamos com um Assessor Nacional de ABP, bem como com um representante da ABP na Diretoria Nacional, sendo voz ativa e participante como diretor adjunto. Sonhamos com mais grupos de profissionais no movimento, servindo e auxiliando os estudantes, capacitando outros profissionais e contribuindo para o crescimento dessa missão!»



Matheus, Daniel e Arianne leem a carta no Encontro de 60 anos em junho

Entre nós:
nossas histórias

» E, por fim, afirmamos que o nosso Senhor é o Deus da missão, é aquele responsável por toda a criação, é quem escuta toda oração e quem transforma todo o coração. Terminamos dizendo que sim, chegamos até aqui, 60 anos nas costas, 60 anos de alegrias, as quais foram proporcionadas pelas muitas histórias e provações. São muitos anos de graça e misericórdia, de fé e esperança, trabalho que nos foi dado, para cumprimos o nosso chamado. Dessa forma, lembramos: “Assim brilhe a luz de vocês sobre o mundo, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai que está nos céus” (Mateus 5:16).

Ouvimos muitas histórias neste Encontro de 60 Anos (E60). Histórias de pessoas que nos motivam e inspiram, pessoas que sonharam e ousaram se mover, contribuindo bastante em suas gerações. Mas precisamos entender que cada geração tem suas questões, seus contextos, seus desafios. Nossa geração tem seus desafios, seu contexto. Hoje, temos percebido estudantes e profissionais que também sonham e ousam servir com fidelidade. A história nos ensina lições grandiosas, mas não nos diz exatamente o que devemos fazer. Cada contexto exige uma forma específica de agir, nossos desafios mudam e precisamos ouvir o que o mundo nos diz

hoje. **Agora o bastão está conosco, para continuar cumprindo o chamado dessa missão. Em todos os relatos pudemos perceber o legado deixado para nós. E qual legado nós queremos deixar para as próximas gerações?**

O convite é: vamos sonhar todos nós - secundaristas, universitários e profissionais - juntos nessa missão, olhando para o futuro, para nossos próximos 60 anos. Que Cristo conduza este movimento em seus sonhos! O Senhor continua escrevendo a história! Louvado seja Cristo Jesus, o nosso Senhor! ■

***Autores:**

Arianne Varela Constantino, da ABU Natal (RN) e diretora adjunta de ABU. Estudante de Arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da qual é também bacharel em Direito.

Daniel Felipe Pereira de Vasconcelos, da ABP Uberlândia (MG) e diretor de relações públicas. Graduado em Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Uberlândia, mestrando em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal de Uberlândia.

Débora Pimentel Vieira, da ABS Natal (RN) e diretora adjunta de ABS. Estudante de ensino médio.

Matheus Henrique Botelho Cordeiro, da ABU Juiz de Fora (MG) (também já foi da ABU Curitiba, PR) e diretor adjunto de ABU. Estudante de Engenharia Civil na Universidade Federal de Juiz de Fora.

“A estrutura é uma ferramenta para a obra”

Ex-presidente da ABUB, o diretor industrial Braulio Craveiro Filho viveu diversas situações na estrutura e nas finanças do movimento que lhe deixaram preciosos ensinamentos sobre a boa governança da missão. Formado em Engenharia Mecânica na Universidade de São Paulo em São Carlos (SP), ele participou do movimento desde 1974, como estudante, até meados dos anos 2000, como profissional na diretoria nacional. Hoje, também serve em outras organizações.

Por Tályta Henya Alencar

Queria conversar sobre o aspecto administrativo e da governança na história da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB)...

Se é para falar um pouco da história da ABUB, em 1975 fomos para um Conselho Diretor. Mas era Congresso. Ninguém sabia o que era. Ficou uma discussão tal que em janeiro de 1975 resolveu-se formar uma comissão para formar o estatuto da ABUB, que praticamente é o que é hoje. Foi quando também entraram os dois primeiros diretores adjuntos, eu e o Rubens Osório. [Depois] foi aprovado na assembleia após o Congresso Missionário de 1976. Aí dá-se a estrutura [que ainda há hoje], o estatuto mudou pouco desde então. O primeiro era muito complicado, tinha

conflito entre os estamentos, quem decide o quê. Esse estatuto de 1976 foi espetacular no sentido de organizar, serviu para outros países. É aí que se dá a representação democrática a partir do estudante. A ABUB foi um dos primeiros movimentos mundiais [dentro o corpo ao qual pertencemos, a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês),] a ter estudante na diretoria, na IFES foi só em 2011. A estrutura da ABUB, então, foi feita na década de 1970 e tem de ser aperfeiçoada agora, tem de mudar porque a lei está mudando. Repensada por gente da área. »

» Como foi levantada essa pauta de representação dos estudantes na Diretoria Nacional?

Era o movimento que queríamos. Democracia no movimento. Tem um ponto importante aí. Até 1975 a ABUB recebia dinheiro da IFES para ajudar o sustento[, era 30% do orçamento]. Nessa reunião, junto com os assessores, decidimos que não íamos receber nada mais. Foi como uma declaração de independência. Com isso: "Não queremos mais os gringos.*[Veja nota de rodapé.] E queremos dois diretores adjuntos, tem de mudar a representação". O Congresso Missionário foi [um evento que buscava] liberdade, sendo pressionado pelo governo de um lado e a igreja conservadora do outro. A ABUB no meio. [A luta por democracia] é o resultado de dois ou três anos querendo essa abertura também *dentro* do nosso movimento, e [o desejo de] não ser comandado por fora. Muitas dessas reuniões quem fazia era o Dr. Ross Douglas, [então vice-presidente].

Por causa dessa mudança política na situação universitária e tudo... por exemplo, 1975 foi

o [primeiro ano depois de 1968 que teve greve na Universidade de São Paulo](#). Queria-se mais liberdade. Nessa ânsia de mudar, veio nosso estatuto querendo ser democrático, [e era] uma estrutura bem melhor, diferente de algumas estruturas de igreja. ABUB nesse ponto sempre foi vanguarda. »



Braulio e sua esposa, Cherith, conversando com estudantes de Minas Gerais no Encontro de 60 anos

» **Essa liberdade traz os debates.**

Divergência não é o problema, mas a maneira como você diverge pode ser. Quando você fala: "Não, você está *errado*". Essa atitude, que nós tivemos muito em alguns momentos na ABUB, é errada. Mas também a ABUB era o único lugar de liberdade de fala. Só na ABUB podemos sentar juntos e termos posições divergentes, vamos ser amigos e não vamos brigar. Por quê? Porque a ABUB permitiu esse espaço de liberdade. Alguns souberam usar, outros não. Tinha cara que falava cada besteira que vocês não imaginam... teve proposta de nunca mais pagar imposto! [Com a diretoria] conseguiu-se formar um corpo que sabe de governança, o que precisa fazer, etc. Gente que tinha uma vida profissional e sabe do que pode e o que não pode. Um corpo preocupado em manter uma estrutura, as coisas rodando.

Como vocês comunicavam a importância da governança e boa administração para os estudantes?

Primeiro, em todas reuniões é preciso repetir isso, porque poucos voltam. Segundo, orientávamos os assessores a também falarem isso com os estudantes. Era feito um trabalho com os obreiros para que se preocupassem em transmitir [os princípios da governança]. Por exemplo, num congresso teve uma eleição e eu tive de dar o voto de minerva. Fizemos a contagem duas vezes e empatou em ambas. Mas tinha uma estrutura, não interessa, deu empate e OK, tem de tomar uma decisão. Foi tomada e todo mundo aceitou, mesmo os que perderam. Isso mostra governança, um sistema que se respeita, que tem regras. Para o estudante, isso não é fácil, porque ele não está acostumado. Mas a ABUB se manteve durante todos esses anos em função desse corpo que mostra a importância da estrutura. Não é porque eu gosto de estrutura, detesto. Mas isso é uma ferramenta para fazermos a obra missionária. Não devemos viver em função dessa estrutura! Ela é única e exclusivamente com um objetivo: fazer a obra. Se ela for viver em torno de si mesma, está frita, não pode acontecer isso. Não podemos perder o foco.»

» Como era e como vocês encaravam os desafios financeiros? Passavam apertos?

Quando entrei na diretoria, os assessores recebiam salário com seis meses de atraso. Era um voluntarismo muito forte. Os obreiros que propuseram romper com o financiamento da IFES e foram eles que pagaram o preço. Não foi estudante e nem o movimento que pagou. Foi uma batalha muito grande para que o salário fosse pago em dia. Passamos amargura em ver o que os obreiros passavam. Eu digo: nunca vamos ter dinheiro para fazer tudo aquilo que precisamos. Uma coisa que precisamos reconhecer é que nunca vamos conseguir todo o capital necessário para a obra que temos, sempre vai faltar. Alguns momentos mais, outros menos. Se cada estudante que foi membro de Conselho Diretor der 10 reais por mês, o orçamento da ABUB multiplicaria. Algumas pessoas aprenderam que somos mordomos do que Deus nos dá. Mas quando você é bem formado e volta para a igreja, ela logo te coloca numa posição boa e muitas vezes suga com outros projetos e responsabilidades.

Com tanto aperto, na hora de comprar imóveis, como o Centro de Treinamento Koinonia (CTK) e o Escritório Nacional, como vocês tomavam a decisão?

Vou te contar a história do CTK. Eu era muito amigo do Bill Asbury, secretário de treinamento na época. Ele bolou um centro, porque toda vez que íamos fazer Instituto de Preparação de Líderes não tínhamos um local para colocar o pessoal. Faltava espaço, saía caro. Ele pensou: "Eu vou conseguir fazer isso aí". Então bolou e colocou dentro do relatório dele ao Conselho Diretor. Apresentou as atividades que tinha feito e, no meio, pediu a aprovação da compra de uma casa, e outra coisa, e tal. Aí ao fim: "Tá aprovado tudo?" Aprovado. "Irmãos, então coloca na ata que está aprovado todo o meu relatório." Em que estava, inclusive, a compra de um centro de treinamento! Só que ninguém se deu conta. Nem o secretário geral! Depois da reunião o Dr. Douglas entra no banheiro atrás de mim: "Braulio, eu entendi que nós acabamos de aprovar a compra de uma casa?" Falei: "Isso mesmo, Dr. Douglas". Aí o secretário geral disse que não. "Tá lá no relatório, cara!" Dr. Douglas: "Billzão é»

» um malandro!" (risos). Mas a ABUB não colocou nada, ele que arrecadou tudo! Com relação ao escritório da ABUB, era na rua Embaú e estava apertado. Bill McConnell, [secretário de literatura da época,] dentro de uma política da IFES de que cada movimento nacional precisava de seu escritório próprio, especialmente em países de alta inflação, levantou a ideia e John Griffin trabalhou junto. Houve doações de fora, levantou-se um fundo, uma campanha. Quando tiveram as doações, foram atrás da casa [que atualmente está em [reforma](#)].

Como você vê a importância da diretoria nacional trabalhar com a secretaria executiva?

Quando formamos a estrutura definiu-se qual diretor acompanha cada secretário. Quando eu era vice-presidente, o Bill McConnell era secretário de literatura. Ele era espetacular. Mas [quando] ia apresentar o relatório no Conselho Diretor, os estudantes falavam muito mal. Um dia pedi para apresentar no lugar dele, deu tudo numa boa. Ele não se conformava! Era uma reação

porque viam ele como americano, e não como irmão em Cristo. Depois foi John Griffin. Toda segunda-feira, entre 21h e 21h05 da noite, ele ligava, conversávamos e ele informava relatório de venda. Quando fui presidente, Ziel era secretário geral. Tivemos uma situação que ele me ligava sempre, conversávamos, porque era minha função supervisioná-lo. Então, se tinha um problema, eu queria saber como ele estava resolvendo, se precisava de orientação. Não é que eu ia dar a resposta, mas às vezes só o apoio ajuda a resolver. E comunicando a mim, estava comunicando a diretoria, porque minha maneira de fazer sempre foi transparência total. Por isso um assessor tinha segurança de expor um novo projeto na diretoria, porque na conversa com o diretor já tinha compartilhado as coisas, sido orientado. A diretoria não é para exercer autoridade, mas para trabalhar junto e criar ferramentas para os obreiros poderem trabalhar.»

» **Qual é importância da prestação de contas para o movimento?**

Eu sou a favor da transparência. Eu acho que a prestação de contas é de suma importância por, um, fidelidade ao doador; dois, transparência com todos aqueles que precisam ter noção do que temos e o que não temos; e, três, para mostrar o que o movimento é. Eu vejo pelos números que a maioria [dos gastos] são pessoais. Isso é importante, não é uma organização que vive [gastando com] estrutura, ela sustenta pessoas. Esses três aspectos são importantes.

O que você voltaria atrás para não fazer de novo?

Como fazíamos a seleção de obreiros e como escolhíamos para as posições principais. Apanhamos muito e fizemos algumas escolhas muito erradas. Se voltasse atrás faria diferente, com passos, processos, etc. Teve muito obreiro escolhido [só] porque se dispôs, muitos deram certo e muitos não. E outra coisa [que faria diferente] é finanças. Acho que nunca

conseguimos montar uma estrutura de apoio financeiro consciente para o estudante. O estudante doador é o profissional doador. Se não doa como estudante, não vai doar enquanto profissional. Um ensinamento que temos de insistir é mordomia, o [ex-presidente] José Miranda Filho trabalhou muito isso. Dois pontos que precisam ensinar aos estudantes: mordomia e administração de finanças. Muita gente vem sem nenhuma base, e precisa em algum momento aprender que é mordomo [do que na verdade é de Deus] e como administrar o dinheiro que Deus lhe deu ou pode lhe dar para cuidar.

Refleta: *Como assim mordomia e administração? Leia Mateus 25:14-30 para estudar sobre isso.*

Estude: *Braulio também disse: "As pessoas têm medo de falar de dinheiro, mas se fala muito de dinheiro na Bíblia!". Ficou curioso? Ele sugere ler "[Histórias de Dinheiro da Bíblia](#)", de [Dietrich Bauer, que foi da IFES](#). ■*

***Nota de rodapé:** *Braulio conta que o espírito da época da ditadura militar era de rejeição de tudo o que era estrangeiro. Dessa forma, a ABUB não quis depender dos recursos estrangeiros. Por outro lado, alguns anos depois o grupo decidiu que, apesar de canadense, Ross Douglas era um líder exemplar e presente e poderia, portanto, assumir a presidência do movimento, como fez em 1978.*

“Cristã na universidade, estudante na igreja”



Rute Silveira Eismann participou da ABUB desde 1964 e tem diversas histórias para contar. Uma delas é como se estabeleceu o grupo durante a ditadura militar: já que não podiam se reunir na universidade, realizavam debates e conferências para alcançar os outros estudantes. De sua vivência, de estudante a diretora nacional, ela ressalta que aprendeu a buscar uma vida integral, que é a mesma dentro e fora dos espaços religiosos. Veja [no YouTube](#). ■

ABUB em 2017 — Prestação de contas

Organização: Tályta Alencar

"Pois, pela graça de Deus, sou um mensageiro da parte de Cristo Jesus a vocês, os gentios. Anuncio-lhes as boas-novas pra que se tornem oferta aceitável a Deus, separados pelo Espírito Santo. Tenho motivo, portanto, para me entusiasmar com o que Cristo Jesus tem feito por meio do meu serviço a Deus. E, no entanto, não ousa me vangloriar de nada, exceto do que Cristo fez por meu intermédio a fim de conduzir os gentios a Deus por minha mensagem e pelo meu trabalho"
(Romanos 15:15b-18; NVT).

Como Paulo, temos motivos de muita alegria e do que nos orgulhar pelo que Cristo tem feito por meio do nosso trabalho. Temos contentamento em cumprir obedientemente o chamado de Deus. Ele, por sua graça, nos deu o privilégio de ser parte da sua obra redentora.

Por intermédio do que Cristo fez em nossas vidas, podemos anunciar as boas novas, exercendo o sacerdócio universal para que outros creiam e sejam sacrifício suave a Deus. Por meio do poder do Espírito Santo, queremos continuar anunciando as boas novas no meio estudantil e profissional. E vocês também podem ter a oportunidade de continuar sendo suporte e auxílio para este ministério.

Com alegria, queremos compartilhar um pouco daquilo que Deus fez no nosso meio em 2017, bem como contar-lhe como usamos os recursos que recebemos para que a obra fosse possível. ■

**Prestação
de contas:**
nossos números

1. Números na ABUB

Terminamos o ano de 2017 com **146 grupos filiados à ABUB**. Destes:

- 115 são grupos de Aliança Bíblica Universitária (ABU);
- 22 são grupos de Aliança Bíblica de Secundaristas (ABS);
- 9 são grupos de Aliança Bíblica de Profissionais (ABP).

Entre os grupos filiados mostrados no mapa abaixo pode haver alguns inativos, que não estão em funcionamento.

Há também mais 26 grupos ativos em estruturação ou processo de filiação.

Somando todos, filiados e ainda não filiados, estamos em **135 cidades brasileiras**.

Hoje temos por volta de **300 núcleos** (grupos pequenos) que se reúnem nas universidades, escolas e entre profissionais. ■



[Clique aqui](#) para ver mais detalhes do mapa acima.

2. Lideranças estudantis regionais e assessoria auxiliar



Os assessores auxiliares são profissionais que se dedicam voluntariamente para ajudar no trabalho regional. Eles acompanham grupos locais e auxiliam nos encontros de formação junto ao obreiro regional, o assessor que dedica tempo integral ou parcial ao ministério. Terminamos 2017 com 50 assessores auxiliares.

Também tínhamos ao final do ano 66 diretores regionais, dentre os quais a maior parte são estudantes. Eles servem em suas respectivas regiões, junto com os assessores auxiliares e os assessores da região. ■

3. Assessores regionais e nacionais da ABUB

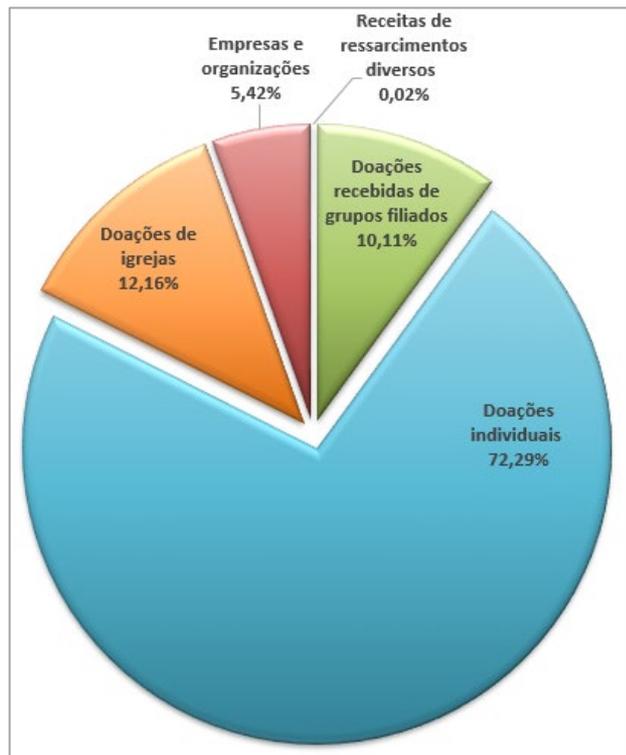
Hoje temos uma equipe de 20 assessores, também chamados de obreiros, que trabalham em tempo integral ou parcial na ABUB. São:

- a) Dez obreiros de campo nas regiões:
 - Dois obreiros na região Nordeste, Gilvânia e Felipe.
 - Dois na região Minas Gerais de tempo integral e parcial, Karen e Heitor;
 - Dois na região São Paulo e Mato Grosso do Sul (SP/MS) de tempo integral, Pedro e Josué;
 - Um na região Leste de tempo parcial, Pablo;
 - Uma na região Norte de tempo integral, Consuelo;
 - Uma na região Centro-Oeste de tempo integral, Jéssica Ribeiro;
 - Um na região Sul de tempo integral, Thiago.
- b) Uma obreira nacional servindo o ministério com estudantes do ensino médio (ABS), Lia do Valle;
- c) Quatro no escritório nacional:
 - Assessoras de Administração, Cássia e Natália;
 - Mobilização de Recursos, Tályta;
 - Comunicação e Arte, Jessica Grant.
- d) Cinco na secretaria executiva da ABUB:
 - Secretária geral, Sarah;
 - Secretários de Formação, Ivanilsa e Natan;
 - Secretária de Administração e Comunicação, Giovanna;
 - Secretária de Engajamento Missionário, Morgana. ■



**Prestação
de contas:**
nossos números

4. Nossas finanças



Entradas

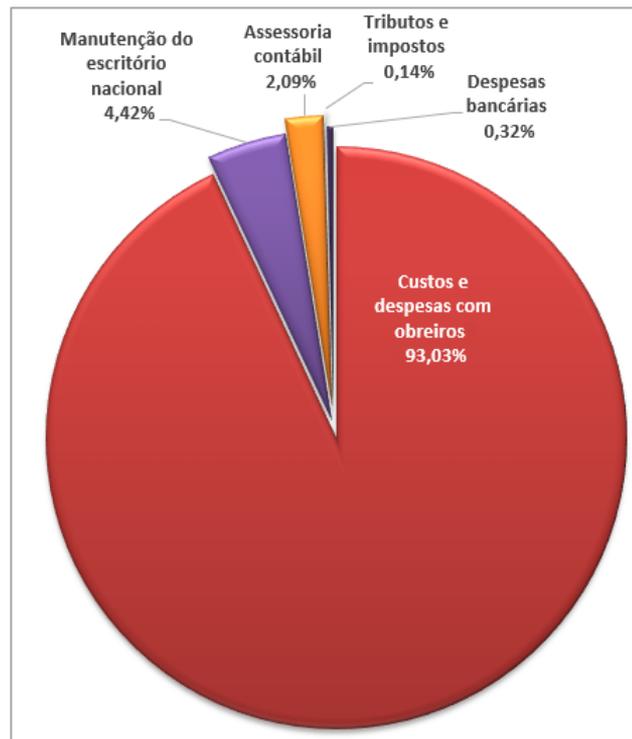
Doações recebidas de grupos filiados	R\$ 92.500,81
Doações individuais ¹	R\$ 661.643,73
Doações de igrejas	R\$ 111.320,57
Empresas e organizações	R\$ 49.601,90
Receitas de ressarcimentos diversos ²	R\$ 217,62
Total:	R\$ 915.284,63

¹Inclui doações de pessoas direcionadas ao sustento do obreiro, aos caixas regionais e ao fundo geral.

²Relacionadas a débitos não autorizados em nossas contas.

Prestação
de contas:
nossos números

Prestação de contas: nossos números



Saídas	
Custos e despesas com obreiros ³	-R\$ 832.581,79
Manutenção do escritório nacional	-R\$ 39.602,57
Assessoria contábil	-R\$ 18.745,50
Tributos e impostos	-R\$ 1.226,74
Despesas bancárias	-R\$ 2.820,76
Total:	-R\$ 894.977,36

³ Inclui remuneração, benefícios (ex. plano de saúde) e despesas ministeriais (ex. custos de viagem, treinamentos).

Resultado R\$ 20.307,27

Prestação de contas: nossos números

Pela graça de Deus, e de forma surpreendente, temos sido supridos nas nossas necessidades financeiras ano após ano, ainda que tenhamos previsões orçamentárias negativas. Cremos que o Senhor é quem continua provendo e oramos pelo "pão nosso de cada dia" (Mateus 6:11).

Para 2018, os desafios financeiros permanecem a medida que a iniciativa estudantil cresce. Há uma necessidade real de mais obreiros, bem como de compromissos mensais de ofertas para o trabalho nas regiões pioneiras e para a equipe nacional. O desafio de 2018 é ampliar nosso suporte de contribuições em R\$ 8 mil mensais para manter o trabalho de cinco obreiros da equipe nacional e de dois regionais, que poderão sofrer uma redução na carga horária de trabalho.

Veja [aqui](#) um vídeo feito pela nossa secretária de comunicação e administração sobre esse desafio. ■



5. 2017 em cada uma das nossas frentes de trabalho

5.1. Escritório Nacional em 2017

É a partir de São Paulo (SP), no nosso escritório nacional, que as assessoras de ministério específico apoiam o movimento em todo o Brasil. Seja na administração, com a mordomia financeira, na mobilização de recursos e cuidado com as doações e os doadores, ou ainda na comunicação nacional.

Em 2017, essas missionárias encararam importantes desafios. Organizamos e realizamos o Encontro de 60 Anos (E60) da ABUB – uma grande oportunidade de rever nossa história e agradecer a Deus por usar-nos em sua obra – e o Instituto de Preparação de Líderes. Durante o E60, publicamos o livreto [A Palavra Entre Nós](#), importante para cultivar o engajamento com as Escrituras entre os abeuenses.

Além dos eventos, mobilizamos recursos e realizamos a primeira etapa da reforma da nossa sede, que precisava de reparos importantes e reorganização do espaço. Veja [neste link](#) quais eram nossas necessidades e [neste outro](#) a prestação de contas da reforma. Vale também citar que atualizamos e diversificamos nossa comunicação com os participantes da ABUB pelo site, redes sociais e emails.

Uma das importantes tarefas de 2017 foi a elaboração de um orçamento realista que, frente à diminuição de doações dos últimos anos e ao fim de nossas reservas de recursos, nos permita ter sustentabilidade financeira neste novo ano. Isso pode afetar a carga horária e o sustento de alguns obreiros, que serão diminuídos, porém garantirá a manutenção da missão e do trabalho de todos. Este é

justamente um dos desafios para 2018: mobilizar novos, fiéis e recorrentes doadores e administrar com sabedoria os recursos da missão com as mudanças que virão. Em 2017 conseguimos ganhar novos doadores, mas a necessidade se mantém para 2018.

Além deste desafio, teremos pela frente o Congresso Nacional da ABUB, entre os dias 31 de maio e 3 de junho. Nele, faremos a Assembleia Geral Extraordinária, com objetivo de alteração do nosso Estatuto, e a Assembleia Geral Ordinária, com as pautas comuns, como eleição da Diretoria Nacional. São momentos importantes para a governança da missão, e a equipe do escritório nacional tem muitas responsabilidades nos bastidores antes e depois desses eventos. ■

**Prestação
de contas:**
nossos números

5.2. Secretaria Executiva em 2017

Por Ivaniisa de Oliveira, secretária de formação

Para nós da secretária executiva, 2017 foi um ano incrivelmente especial e desafiador, por conta de muitas mudanças e realizações. Começamos o ano com a equipe completa (5), mas terminamos o primeiro semestre abençoando Natan, que começava o seu tão esperado [ano sabático](#), e dois meses depois abençoamos Sarah, para o início de sua maior e mais linda jornada na vida: a maternidade!

Trabalhamos com afinco, distribuindo tarefas, reorganizando as agendas e estabelecendo novas rotinas, e graças a Deus as coisas caminharam bem. Ainda juntos, trabalhamos com toda a equipe nacional para a realização do Encontro de 60 anos, o E60, em junho. Foi lindo ver gerações diferentes reunidas para celebrar os 60 anos de história da ABUB.

Também estivemos envolvidos em tantas outras frentes de trabalho, como o apoio no planejamento e participação dos Cursos de Férias, a coordenação da reforma do escritório, a organização dos Encontros Nacionais de Obreiros, as reuniões da Diretoria Nacional e o encontro presencial da secretaria executiva, a coordenação de editais de seleção para a assessoria na região Norte e o intercâmbio ABUB/NKSS, o planejamento e a produção de materiais além da organização dos principais eventos de formação em janeiro de 2018 (Conselho Diretor, Acampamento de Verão e Instituto de Preparação de Líderes), a coordenação da reforma do Estatuto da ABUB, entre outras coisas.

Em 2018 as mudanças e os desafios continuam, recebemos de volta Sarah (com o pequeno Davi), e daqui 3 meses Natan encerra o seu ano sabático. E já nos despedimos e abençoamos a Giovanna, para receber a sua filha

Isabel. Ela já é mãe de André, de 4 anos. Seguimos juntando esforços para encarar os desafios na área da Mobilização de Recursos e nos preparativos finais para o Congresso Nacional, que terá dois momentos importantes: a reforma do Estatuto e a eleição de parte da Diretoria Nacional, além de toda a agenda que temos para cumprir ao longo do ano.

E, por favor, peço que agradeçam conosco por nossas vidas, famílias e ministério, e intercedam pela mobilização de recursos, pelo Congresso Nacional e pelo nosso planejamento anual de trabalho. ■

5.3. O que estudamos nos nossos encontros de formação em 2017?

Por Ivaniisa de Oliveira, secretária de formação da ABUB

Está no nosso nome: na Aliança Bíblica Universitária do Brasil prezamos pelo estudo aprofundado, coerente e aplicado das Escrituras. Cremos que a Palavra de Deus nos traz vida plena, nos confronta e nos ajuda com os desafios de hoje. Por isso, buscamos sempre oferecer uma boa formação bíblica para nossos estudantes e profissionais.

No Instituto de Preparação de Líderes (IPL) de 2017 finalizamos o ciclo de reflexões iniciado em 2016 sobre a temática do "poder". Na ABUB, trabalhamos com um calendário de formação anual que se inicia após o IPL (sempre realizado em janeiro) e culmina com o IPL do ano seguinte. Por isso, nos encontros nacionais e regionais após o IPL 2017, demos início às meditações e estudos sobre o tema das "riquezas". Essa temática envolve reflexões acerca do dinheiro, da ganância e cobiça humana, e do valor que conferimos a tudo que se encontra ao nosso redor. Isso, claro, sempre a partir das Escrituras.

Em nossos **Conselhos Regionais de 2017**, tanto do primeiro quanto do segundo semestre, as equipes de cada região têm escolhido trabalhar **textos relacionados à generosidade e gratidão**, um olhar sensível para o que realmente importa.

No **Encontro de celebração dos 60 anos da ABUB**, com o tema "Alegrem-se sempre", nos debruçamos sob a epístola da alegria e da gratidão. A **carta aos filipenses** foi escrita após Paulo, que estava preso naquele momento, receber uma oferta em dinheiro desta igreja. Essa oferta encheu de alegria o seu coração, e essa alegria é a nota dominante de sua breve carta. Filipenses é a epístola mais pessoal e espontânea de todas que Paulo escreveu e expressa muito do que estávamos desejosos por ouvir e comunicar naquela ocasião. (Você pode escutar as pregações desse encontro [aqui](#))

Nos Cursos de Férias, que são importantes e estratégicos espaços de formação regional, sob o tema "**Curta Vida**" nos dedicamos ao estudo de **Eclesiastes**, que é um livro intenso, profundo e que traz reflexões atuais. O texto trata do prazer, da sabedoria e da riqueza, e nos ajuda a entender que o melhor bem da vida somente pode ser usufruído»

**Prestação
de contas:**
nossos números

se alguém teme a Deus e guarda os seus mandamentos (Eclesiastes 12:13), pois a vida sem Deus ou fora da vontade dele é fútil. A busca pelo verdadeiro significado da vida é essencial para a existência humana. Longe de Deus a vida não é vida, pois só Ele pode lhe dar o verdadeiro significado.

Pensando em um livro que pudesse continuar “conversando” com Eclesiastes, decidimos encerrar o nosso ciclo formativo **no Acampamento de Verão e no Instituto de Preparação de Líderes 2018 estudando o Evangelho de Lucas sob o tema “Riquezas Reais”**. Veremos que Lucas volta sua atenção especialmente para a humanidade de Jesus, sua compaixão para com os fracos, aflitos e marginalizados. O autor também trata da relação com o dinheiro em parábolas como a do “rico tolo” (Lucas 12:13-21), do “administrador infiel” (Lucas 16:1-13) e do “rico e Lázaro” (Lucas 16:19-31), nas quais, apesar de reconhecer que as pessoas têm necessidades materiais, Cristo enfatizou que a nossa maior prioridade deve ser sempre Deus.

Temos reafirmado que no Reino de Deus as pessoas são sempre mais importantes que as posses. Os relacionamentos sinceros são as verdadeiras riquezas. Devemos tomar cuidado com a ganância e a cobiça. Em muitas ocasiões, somos alertados quanto ao perigo de termos um coração dominado pela avareza, pois fazer das riquezas, para além do dinheiro, o propósito das nossas vidas é um erro fatal que nos leva à perdição eterna. Neste sentido, formar líderes-servos com corpos e mentes sadias e conscientes de seus chamados é o nosso maior desafio, mas é também o que nos impulsiona diariamente. ■

5.4. Engajamento missionário: projetos e parcerias em 2017

5.4.1. ABUB contra o racismo

Discutir sobre racismo não é algo novo na ABUB. Diversas vezes surgiram iniciativas através dos estudantes, reflexões sobre o quão branca é a universidade, chamando a atenção sobre o modelo de cotas e as políticas de assistência estudantil. Já houveram nos encontros de formação da ABUB intervenções, palestras e estudos bíblicos aplicados.

Em 2017, a organização cristã evangélica [Tearfund](#), parceira da ABUB, possibilitou a implementação do projeto: "Igreja, universidade e racismo: respondendo aos desafios de uma juventude silenciada e exterminada", também chamada de "ABUB contra o racismo". O objetivo é conscientizar os grupos locais sobre a realidade da juventude negra, que é invisibilizada e [exterminada](#) no Brasil.

Foram selecionados por meio de edital facilitadores de 12 cidades, focos da atuação do projeto: São Luis (MA), Natal (RN), João Pessoa (PB), Recife (PE), Maceió (AL), Aracaju (SE), Salvador (BA), Vitória (ES), Belo Horizonte (MG), São João del-Rei (MG), São Paulo (SP) e Curitiba (PR).

Depois de encontros de formação realizados em Vitória (ES) e Olinda (PE), cada um dos facilitadores teve a missão de levar a discussão sobre temáticas raciais para seus grupos locais e regiões, e incentivar outras pessoas a fazerem o mesmo, multiplicando os focos de atuação do projeto.»



- » Durante 2017, em todo o Brasil foram realizadas aproximadamente 20 oficinas além de simpósios, rodas de conversa, mesas redondas com pastores e lideranças evangélicas, diálogo com coletivos negros e atividades nos encontros regionais. Também trabalhamos virtualmente com as campanhas do Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha (25 de julho) e do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), ao longo de toda a semana. E disponibilizamos uma [compilação de oficinas e EBIs](#) disponíveis no site para os grupos locais da ABUB em todo o Brasil.



Reveja aqui alguns depoimentos e histórias sobre as ações desse projeto:

[As ações do projeto plantaram sementes e geraram frutos dentro e fora do nosso movimento](#)

Confira o depoimento dos facilitadores

[Negro.eu?](#)

Depois do primeiro encontro de formação de facilitadores, o estudante Marcos Abraão, conta sua história ■



5.4.2. Intercâmbio ABUB/NKSS

Outra parceria que temos há muitos anos é o programa de intercâmbio entre a ABUB e o NKSS Noruega (movimento semelhante à ABUB) em parceria com o governo norueguês. Participam desse projeto outros países, e os selecionados vivem uma experiência multicultural durante os primeiros meses em um curso realizado no **Hald Internasjonale Senter**.

Nesse período serão oferecidas aulas de liderança, missiologia, fatos globais, atualidades, pobreza, cultura como forma de evangelização, AIDS, políticas públicas, entre outros.

Depois desse tempo de preparação, os intercambistas servem em uma parte prática do curso na Noruega ou em outro país por seis meses, numa experiência transcultural.

Em 2017, recebemos de volta a dupla Deborah Vieira e Marcos Abraão ([edição 2016-2017](#)), que

fizeram sua parte prática na Noruega. E enviamos Marcela Marcos e Carlos Oliveira ([edição 2017-2018](#)).

Marcela Marcos esteve em 2017 em um modelo diferente do intercâmbio, junto com a colombiana Daniela Maldonado.

[Confira aqui](#) um pouco da experiência de serviço e missão das intercambistas. ■



5.5. Aliança Bíblica de Profissionais em 2017

Durante 2017, a Aliança Bíblica de Profissionais (ABP) realizou diversos encontros locais, organizados por grupos filiados e outros ainda não oficiais. Essas reuniões trataram diversas pautas atuais, como o trabalho com refugiados, discussões sobre saúde mental, vida acadêmica, vocação, ética, entre outros. Cabe destacar também o Encontro Vocacional de Profissionais (EVP), organizado pela ABP São Paulo (SP), que mobiliza os profissionais de toda a região para discutir e refletir sobre questões importantes da vida vocacional.

A atuação dos grupos de ABP envolveu a discussão de temas relevantes para a sociedade, sendo prezados também os encontros de comunhão e estudos bíblicos. Todos visaram o fortalecimento e a formação dos profissionais cristãos e a realização da missão por meio da evangelização e serviço, sendo essas (formação e missão) duas das frentes da ABP. Apesar de ainda não ser uma

realidade em todos os grupos, vários profissionais mantêm contato com os estudantes, auxiliando-os nas atividades ou apoiando financeiramente, completando assim nossa terceira frente de serviço, o apoio à missão estudantil.

O contato com os estudantes ainda é um desafio, assim como o contato com demais núcleos de profissionais, os quais podem auxiliar na formação de um grupo e nos treinamentos. Porém, à medida que a ABP define uma identidade própria e em conjunto explora sua grande diversidade de atuação, tais desafios são superados pela graça de Deus.

Por fim, destacamos a realização futura durante o Congresso Nacional de 2018 do Encontro Brasileiro de Profissionais (EBP), organizado por meio do Grupo de Trabalho, com a contribuição profissionais de diversas regiões. O EBP é a realização de um sonho; e sua segunda edição, a consolidação deste. É um importante marco na história da ABP e »

» acreditamos que seja uma oportunidade de conectar os grupos existentes, além de divulgar o trabalho dos profissionais no meio estudantil. Essa é ainda uma iniciativa única nacional, em sua segunda edição. A primeira ocorreu há dois anos, durante o Congresso Nacional de 2016.

Sonhamos com uma estrutura no movimento que represente as demandas dos profissionais, como a criação de um cargo na Diretoria Nacional de diretor adjunto de ABP, o qual está em discussão junto à reforma do Estatuto da ABUB e, quem sabe futuramente, um assessor nacional exclusivo. Com o mesmo objetivo, almejamos a criação de cargos regionais que contemplem os profissionais, como a coordenação ou direção adjunta, como já existente em algumas regiões. Além disso, queremos desenvolver projetos que são derivados e inerentes do nosso grupo, ajudando assim a complementar nossa identidade.

A Aliança Bíblica de Profissionais pede oração:

- para que a ABUB e os obreiros regionais consigam acompanhar mais os grupos de ABP;
- por parcerias com igrejas locais e organizações que nos façam cumprir o chamado de profissionais a serviço do Reino;
- pelos profissionais, para que entendam o seu chamado e a importância do grupo para seu crescimento profissional;
- pelos estudantes, para que entendam a importância do grupo no movimento estudantil;
- pelo engajamento financeiro desses profissionais.

E agradece:

- pelos grupos existentes;
- pela abertura de novos grupos;
- pelo aparecimento de novas parcerias. ■

5.6. Aliança Bíblica de Secundaristas em 2017

Por Lia do Valle, assessora nacional de ABS

Temos muitos motivos para agradecer ao Senhor pelo sustento que ele nos deu ao longo do ano de 2017.

Começamos o ano com a terceira edição do Acampamento de Verão da Aliança Bíblica de Secundaristas (ABS), em janeiro. Dessa vez, reunimos 40 estudantes de ensino médio, cursinho e universitários na cidade de Vila Velha (ES). E estudamos os personagens bíblicos Samuel, Saul e Davi sob o tema “Onde os fortes não tem vez”. Os estudantes foram treinados para a missão estudantil por meio de exposições bíblicas, palestras, oficinas, reuniões de oração, louvor, gincana, estudo bíblico indutivo e muitos momentos de comunhão.

Depois, celebramos no feriado de Corpus Christi os 60 anos da ABUB e, dentro deste tempo, a ABS tem muito o que comemorar. O ministério entre os secundaristas completou 45 anos desde que foi registrado o primeiro trabalho com adolescentes. Celebramos a Deus, que é o dono da missão estudantil!

Em julho, os adolescentes estiveram presentes em quase todas as sete regiões do Brasil nos Cursos de Férias. Lá, eles se capacitaram ainda mais para a missão estudantil. Eles tiveram o privilégio de estudar Eclesiastes com o tema “Curta Vida”, fizeram oficinas e palestras sobre a realidade do campo missionários e os desafios que os cercam. Louvamos a Deus por esta oportunidade que tiveram de receberem formação.

Iniciamos o ano de 2018 com mais um Acampamento de Verão, um tempo muito precioso e alegre, e agora nosso desafio é continuar fortalecendo a ABS por todo Brasil, tanto atuando nas regiões que o trabalho já é estruturado quanto estruturar o trabalho nas regiões que ainda são frágeis. Para isso, vamos realizar o Encontro Brasileiro de ABS (EBA), durante o próximo Congresso Nacional da ABUB. Lá a ABS irá se reunir para pensar o contexto da missão estudantil. E assim seguimos com o trabalho da missão estudantil secundarista no Brasil, agradecendo a Deus sempre e rogamos a ele que vá a frente, iluminando o nosso caminho. ■

5.7. Sonhos e desafios nas regiões

REGIÃO NORTE

Estados: PI, MA, TO, PA, AP, AM e RR

Número de grupos filiados: 13

Em processo de filiação: 3

Assessores auxiliares: 7

Diretores regionais: 9

Assessora regional: Maria Consuelo de Oliveira



O maior desafio desta região é manter a unidade, pois há poucos grupos e as distâncias geográficas entre eles são grandes. Alguns motivos de intercessão:

- Ore pelos desafios financeiros dos estudantes para viajar e receber treinamentos missionários, tanto internamente na região quanto para ir aos eventos nacionais.
- Ore para que Consuelo e a região Norte consigam o apoio financeiro necessário para visitar as cidades que necessitam de ajuda e encorajamento. Eles sonham em ampliar sua base de apoio, pessoas para serem mantenedoras da região.
- Há necessidade de mais um obreiro na região. Ore para que Deus chame pessoas capacitadas e abra oportunidades para isso.
- Ore pela consolidação dos grupos de ABS e ABP.
- Agradeça pelo apoio dos assessores auxiliares, que cresceram em número em 2017! Eles têm sido fundamental para a região. [Veja aqui](#) uma notícia sobre isso!

REGIÃO SUL

Estados: PR, RS e SC

Número de grupos filiados: 16

Em processo de filiação: 2

Assessores auxiliares: 3

Diretores regionais: 5

Assessor regional: Thiago Rodgers



A maioria dos grupos está passando por um período de reestruturação. Eles reconhecem que necessitam de renovação nas reuniões dos núcleos e pedem intercessão pela divulgação e engajamento do estudantes. Além disso, precisam de renovação nas lideranças dos próprios núcleos e dos grupos locais. Ore:

- pelo obreiro, Thiago Rodgers, que tem buscado visitar os grupos com regularidade;
- pela diretoria regional e o obreiro, que juntos traçaram um plano de trabalho para os próximos anos. Ore para que consigam executar o planejamento, sejam fortalecidos espiritualmente e cresçam em maturidade e compromisso;
- pela reestruturação dos grupos;
- pelos estudantes, por comprometimento e pelo entendimento da missão na universidade, pelo compromisso deles com a Palavra de Deus e o desejo de serem mais parecidos com Cristo.

Prestação de contas: nossos números

REGIÃO LESTE

Estados: ES e RJ

Número de grupos filiados: 12

Em processo de filiação: 2

Assessores auxiliares: 9

Diretores regionais: 10

Assessor regional: Pablo Henrique Gomes



- Agradeça a Deus porque os grupos têm crescido em quantidade e qualidade. Eles têm vivido um tempo de amadurecimento e planejamento para missão na região.

- Ore para que Deus continue fortalecendo as lideranças dos grupos locais, a diretoria regional e os assessores, dando ânimo, zelo e amor para que o trabalho gere frutos entre eles e para além deles.

- A região precisa de mais um obreiro, e a Débora Souza, assessora auxiliar da ABU Seropédica (RJ), está em processo de entrada, levantando há um tempo mantenedores para trabalhar de tempo parcial na região. Ore para que ela consiga os doadores necessários para sua entrada ser concretizada.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Estados: GO, MT, RO, AC e DF

Número de grupos filiados: 10

Em processo de filiação: 1

Assessores auxiliares: 1

Diretores regionais: 10

Assessora regional: Jéssica Kelly Ribeiro



A região Centro-Oeste, assim como a Norte, também tem muitos desafios geográficos e os treinamentos missionários locais têm sido uma forma relevante de formar novas lideranças.

- Agradeça a Deus porque a liderança dos grupos na região tem experimentado um tempo de comunhão, isto lhes fortalece.
- Eles têm um grande desafio financeiro de manter o trabalho da obreira, além da necessidade de recursos para viagens para visitar os grupos.
- Ore pelo sustento da obreira Jéssica Kelly, para que Deus envie mais mantenedores para o sustento dela.
- Ore pela capacitação dos grupos mais distantes.

REGIÃO NORDESTE

Estados: AL, BA, CE, PB, PE, RN e SE

Número de grupos filiados: 29

Em processo de filiação: 8

Assessores auxiliares: 15

Diretores regionais: 13

Assessores regionais: Luiz Felipe e Gilvânia Ramos.

A região Nordeste é a segunda maior região em número de grupos na ABUB! E percebemos um crescimento na região nos últimos anos.

•Agradeça a Deus porque temos observado o fortalecimento de grupos locais que necessitavam. Como a ABU Fortaleza (CE), a qual por muito tempo esteve sem estudantes ou somente com um representante. No último Curso de Férias (CF), eles enviaram quatro pessoas. Assim como a ABU Maceió (AL), que pôde sediar o CF em 2017. Outros, como a ABU Recife (PE), que no primeiro Conselho Regional (CR) de 2017 pediu oração por estar sem núcleo e no segundo CR agradecemos a Deus pelo núcleo recém-formado. Há também a ABU Barreiras (BA), que compareceu no segundo CR após quase seis anos de ausência em eventos regionais. Somos gratos pela renovação desses grupos!

• A região agradece pelo retorno do sabático do obreiro Felipe Schimmit, um tempo no qual se dedicou principalmente à sua família. O Senhor renovou suas forças para retornar ao seu trabalho!

• Ore pelos grupos que têm passado por dificuldades, e agradecemos pela força dos irmãos destes. Como a ABU Garanhuns (PE), que está sem núcleos ativos e com o desafio de renovar a liderança, pois os atuais diretores estão concluindo seu tempo na universidade. E como a ABU Cachoeira (BA) e ABS João Pessoa (PB), que se encontram sem diretoria formada.

• Pedimos também pelas finanças da região, que possui desafios financeiros para o sustento dos obreiros, que Deus levante mais mantenedores fixos mensais.



**Prestação
de contas:**
nossos números

REGIÃO MINAS GERAIS

Estado: Minas Gerais

Número de grupos filiados: 40

Em processo de filiação: 4

Assessores auxiliares: 11

Diretores regionais: 12

Assessores regionais: Karen Aquino e Heitor Barboza

Esta é nossa maior região em número de grupos!

• Agradecemos a Deus pelos assessores regionais: pela [entrada do novo obreiro](#). Heitor Barboza, e oramos pelo seu processo de levantar mais doadores e por sua mudança para Belo Horizonte. Agradecemos a Deus pela dedicação e pelo trabalho de Karen, por seu casamento e planos na carreira acadêmica.

- Ore pelo crescimento da região Minas Gerais, pelos novos grupos locais filiados e novos contatos.
- Interceda pelos grupos locais inativos, para que Deus coloque a região em contato com as pessoas dispostas a recomeçar os trabalhos nesses locais.
- Ore pela renovação do movimento através de novos estudantes que compreendam o trabalho da

- ABUB e se engajem na missão dentro de suas universidades e escolas, dispostos a terem empatia pelas necessidades dos estudantes.
- Ore pela reestruturação da ABS em algumas cidades, pelo direcionamento de Deus na hora de “passar o bastão” e por estratégias para evangelismo.
- Interceda também pelo crescimento da ABP na região. ■



5.8. Testemunhos de serviço e evangelização

Algumas histórias de evangelização e serviço entre os estudantes nos marcaram em 2017. Veja aqui um compilado das notícias e histórias que compartilhamos ao longo do ano e que vale a pena lembrar!



Estudantes podem mesmo alcançar outros estudantes?

Para os irmãos Shibakura a resposta é sim e veio através de amizades reais

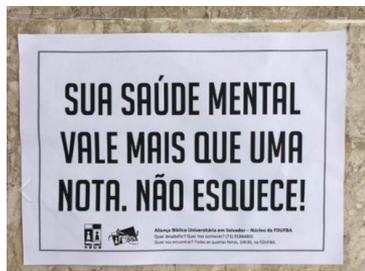


Fórum Literário na universidade

Evento será realizado em Duque de Caxias com o apoio da IFES para ações de evangelismo inovadoras

Semana de provas também é tempo de servir!

Com mensagens simples sobre saúde mental, grupo de Salvador impacta universidade



Hospitalidade e missão entre os estudantes internacionais

A oportunidade para a missão transcultural está nas nossas universidades



Universitários alcançando vestibulandos

Com canetas e bate-papo, abeenses dão apoio nas provas do Enem



Prestação de contas: nossos números